

**III Jornadas de Sociología de la UNLP
La Argentina de la Crisis
Recomposición, nuevos actores y el rol de los intelectuales**

**10, 11 y 12 de Diciembre de 2003
Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación
La Plata - Argentina**

Título: A política da emoção. Análise de *La Razón de mi Vida* de Eva Perón

Nombre y apellido del/los autores: Laura Masson¹

Pertenencia Institucional: Universidad Federal de Rio de Janeiro - Universidad Nacional del Centro de la Pcia de Bs As.

Dirección postal y de correo electrónico: Virrey Loreto 2464 8 A.

E-mail: lauramas29@yahoo.com.ar

***Mesa:* Perón, Perón. Estudios sobre el peronismo.**

¹ Antropóloga. Doctoranda por la Universidad Federal de Rio de Janeiro (PPGAS) – Universidad Nacional del Centro de la Provincia de Buenos Aires, Facultad de Ciencias Sociales.

ABSTRACT

A minha intenção neste trabalho é analisar a obra de María Eva Duarte de Perón, *La Razón de mi Vida*, colocando a atenção no conteúdo fortemente emotivo da mesma. O livro foi publicado em 1951, um ano antes da sua morte, e foi a fonte das diversas versões do mito de Evita, sendo também criticado como mais um instrumento de propaganda política, produto de um *ghost-writer*. Tentando ir além desta idéia, abordarei o texto como um documento historicamente situado, no qual a retórica da emoção “justifica” o lugar de Eva Duarte na política nacional e coloca o sentimento como um princípio de identidade do partido.

INTRODUÇÃO

*Este libro ha brotado de lo más íntimo de **mi corazón**. Por más que, a través de sus páginas, hablo de mis sentimientos, de mis pensamientos y de mi propia vida, en todo lo que he escrito, el menos advertido de mis lectores no encontrará otra cosa que la figura, el alma y la vida del General **Perón** y mi entrañable amor por su persona y por **su causa**.*

Eva Perón, *La Razón de mi Vida*

O peronismo, segundo seus partidarios, possui uma característica particular que o diferencia dos outros partidos: ser peronista é ante tudo um sentimento, e o peronismo não é considerado um partido político, mas um movimento social. Isso é invocado por seus seguidores como um sinal de orgulho e, ao mesmo tempo, é utilizado por seus opositores como uma acusação de fanatismo. Em geral a referencia ao sentimento está relacionada com a figura de Evita. Em uma homenagem ao 77 anos de seu nascimento, em 1996, um dos líderes do partido justicialista, manifestou que "*Sabemos de las dificultades y de porcentajes, pero los justicialistas ponemos **pasión** para modificar la realidad, y eso nos distingue de los dirigentes de otros partidos*"² (El Bonaerense, p.15). O discurso emotivo aparece explicitamente na cena política, pleno, legítimo e inquestionável. A emoção e o sentimento são invocados como uma característica identificadora do partido Justicialista.

No campo da antropologia surgiu nos últimos anos um renovado interesse pelo estudo das emoções. Se bem as emoções não ficaram totalmente fora do olhar antropológico, acrescenta-se neste caso a preocupação de outorgar um estatuto teórico às mesmas. Varias

² Em todo o trabalho, salvo indicação contrária, letras em negrito serão utilizadas para marcar as nossas ênfases.

antropólogas feministas como Lutz, Abu-Lughod, Rosaldo e Grima forneceram interessantes etnografias da emoção nas quais tentaram resgatar um espaço tradicionalmente omitido pelos antropólogos homens. Desde uma visão com um forte vies construtivista elas tentaram mostrar que os sentimentos pessoais são social e culturalmente construídos e dessa maneira tem a ver com a política entendida em um sentido amplo.

Outros autores se mostraram interessados em colocar as emoções como um lugar propício para a mudança social ou o ponto a partir do qual se poderia escrever uma história da cultura tendo em conta aspectos até agora ignorados. A maioria dos autores preocupados com o tema, colocam a emoção como aquilo que tem alguma coisa a dizer à antropologia e que não recebeu ainda a devida atenção. Ainda que a produção antropológica tenha aumentado nos últimos anos neste campo, são poucos os trabalhos que, incorporando a emoção e a experiência, tem se dedicado à relação emoção-política nas sociedades pós-industriais. As etnografias preocupadas com a emoção que tratam questões políticas estão orientadas a explorar espaços femininos, procurando resgatar uma dimensão pouco trabalhada na antropologia e propondo mudanças em categorias de análise tradicionais. “Detailed analyses of concepts for, and talk about, emotion have emphasized the primary importance of cultural meaning systems in emotional experience, challenging in some cases such basic oppositions in our theoretical vocabulary as reason/emotion, culture/personality, and public/private” (Lutz & White, 1986:417). Outros trabalhos que abordam esses temas chamam a atenção sobre a possibilidade de ‘manipulação’ através do uso da emoção, seja pensado num contexto político ou num contexto cultural mais amplo.

Meu interesse aqui é um pouco diferente. O discurso que pretendo analisar não é só um discurso emotivo, mas também um discurso de ‘poder’ proveniente do Estado, mesmo que uma das características do texto seja não reconhecer essa origem oficial. A escrita não

respeita as formas oficiais com as quais o livro poderia ser identificado como tal (não tem carimbos identificando órgãos do governo nem tem uma retórica protocolar), mas mesmo assim ele foi leitura obrigatória nas escolas de primeiro grau. Por outro lado, considerando o lugar de Eva Perón no contexto político argentino³, a *Razón de mi Vida* não poderia ser analisada só como a experiência emotiva de uma mulher, ainda que o eixo estruturador da narrativa seja o sentimento. É necessário também levar em conta o contexto em que o livro foi produzido e a quem ele está dirigido. Portanto deve ser concebido como um diálogo constante com os atores sociais e políticos da época. Dadas essas características, o objetivo principal deste trabalho é fazer uma análise do uso do discurso da emoção como uma forma de legitimação da presença de Eva, como mulher e como mulher pobre, num espaço de poder político.

O LIVRO

Os *Turning points*: Eva, Perón e o povo

...para mi amar es servir... Todo el secreto consiste en que he decidido servir a mi pueblo, a mi Patria y a Perón.

Eva Perón, *La Razón de mi vida*

O livro está dividido em três partes. A primeira intitulada *Las causas de mi misión* inclui dezoito itens. A segunda *Los obreros y mi misión* está composta por vinte e oito itens e a terceira *Las mujeres y mi misión* possui só treze. Cada um desses itens leva um título que resume e ressalta o significado principal do que quer ser transmitido. Em geral são curtos, estão escritos em forma muito simples, quase como se fosse uma conversa, onde Eva

³ Na época em que ela escreveu o livro era a primeira dama.

descreve, numa mistura de destino, vontade de Deus e vontade pessoal, como chegou aonde está e porque esse lugar lhe pertence. Começa e acaba falando de Perón. Primeiro é o lugar dele que legitima, se refere a ele como o Líder, o melhor homem, o melhor presidente e condutor do povo argentino, a única pessoa capaz de dar à humanidade uma esperança. Mas escreve no prólogo: *"Por eso ni mi vida ni mi corazón me pertenecen y nada de todo lo que soy o tengo es mio. Todo lo que soy, todo lo que tengo, todo lo que pienso y todo lo que siento es de Perón"*.

O livro está escrito com a linguagem da emoção. "Este livro brotou do mais íntimo do meu coração" "...na verdade sempre atuei na minha vida impulsionada e guiada sobretudo pelos meus sentimentos". Também como na relação entre afeto e escrita, analisada por Besnier nas cartas dos 'Nukulaelae Islanders' aparece nesta narrativa a vulnerabilidade do escritor e uma forte experiência emocional. Como todas as histórias de vida, mesmo que esta não possa ser definida inteiramente como tal, possui um momento chave a partir do qual a vida da pessoa começa a ter sentido. No caso de Eva, esse momento pode ser remitido a três fatos principais.

O primeiro, a pesar de ter uma origem específica, "o dia em que soube que no mundo havia pobres e ricos", aparece mais diluído no tempo, talvez como algo mais permanente, um pano de fundo, mas não por isso menos intenso. Ela o chama **O grande sentimento**: *"He hallado en mi corazón, un sentimiento fundamental que domina desde allí, en forma total, mi espíritu y mi vida: ese sentimiento es mi **indignación** frente a la injusticia. Desde que yo me acuerdo cada injusticia me hace doler el alma como si me clavase algo en ella. De cada edad guardo el recuerdo de alguna injusticia que me sublevó desgarrándome íntimamente"*. (Perón, 1951:16) Nesse momento junto à indignação de Eva é marcada a sua solidão, sua

resignação a viver uma ‘**íntima** rebeldia’ porque as soluções que ela conheceu não eram as que, guiada pelo seu coração, queria para o povo.

O segundo é mais pontual e específico, e Eva o denominou **O dia maravilhoso**: *"Todos, o casi todos, tenemos en la vida un 'dia maravilloso'. Para mi, fué el dia en que mi vida coincidió con la vida de Perón. El encuentro me ha dejado en el corazón una estampa indeleble; y no puedo dejar de pintarla porque ella señala el comienzo de mi verdadera vida."* (op.cit. 32) *"Me puse a su lado. Quizás ello le llamó la atención y cuando pudo escucharme, atiné a decirle con mi mejor palabra: Si es, como usted dice, la causa del pueblo su propia causa, por muy lejos que haya que ir en el sacrificio no dejaré de estar a su lado, hasta desfallecer. El aceptó mi ofrecimiento. Aquel fué 'mi día maravilloso' ".* (op.cit. 35)

O terceiro está resumido em dois itens intitulados **A hora de minha solidão** e **Uma grande luz**⁴. A hora da solidão de Eva foi na semana de outubro quando Perón estava preso: *"Desde que Perón se fue hasta que el pueblo lo reconquistó para él -y para mi!!- mis días fueron jornadas de dolor y de fiebre. Me largué a la calle buscando a los amigos que podían hacer todavía alguna cosa por él"* (op.cit. 42) *"Arriba conocí únicamente corazones fríos, calculadores, 'prudentes' corazones de 'hombres comunes' incapaces de pensar o de hacer nada extraordinario, corazones cuyo contacto me dió náuseas, asco y vergüenza. (...) Por cada golpe me parecía morir y sin embargo a cada golpe me sentía nacer. Algo rudo pero al mismo tiempo inefable fue aquel bautismo de dolor que me purificó de toda duda y de toda cobardía".* (op.cit 43) A grande luz foi quando Eva em meio aquele desespero descobriu a forma em que Perón lhe demonstrou seu amor: *"Conservo de aquellos días varios mensajes*

⁴ Eva se refere em ambos itens à semana de outubro de 1945, quando Perón ocupava a Secretaria de Trabajo y Previsión Social. Diante da crise política os até então aliados militares de Perón decidiram destituí-lo e prendê-lo, sendo considerado pelos opositores como o homem forte do regime. Uma das varias versões conta que nesses dias Eva mobilizou os trabalhadores para sair às ruas e pedir pela volta de Perón. Perón foi liberado o dia 17 de outubro diante o ‘pedido’ dos trabalhadores. A partir daquele dia todo 17 de Outubro é celebrado pelos peronistas o dia da Lealdade .

manuscritos por él; (...) Yo -lo confieso honradamente- busqué con afán en todas sus cartas, una palabra que me dijese su amor. En cambio casi no hablaba sino de sus 'trabajadores'..., a quienes por aquellos días la oligarquía, suelta por las calles, empezó a llamar 'descamisados'. Su rara insistencia me iluminó: Aquel 'encargarme de sus trabajadores' era su palabra de amor, su más sentida palabra de amor!! Comprender aquello fue -y lo es todavía- una gran luz en mi vida..." (op.cit. 45-6)

A partir deste momento a narrativa de Eva começa a descrever uma relação entre ela, Perón e o povo mediada por e fundada no 'amor'. Neste ponto é importante considerar que existem alguns sentimentos que são seletivamente *hipercognized*. Quando Eva faz referencia à relação Perón-Eva-Povo o amor é obsessivamente colocado. Segundo Levy, o autor que lhe da essa categoria, "Hypercognition involves a kind of shaping, simplifying, selecting, and standardizing, a familiar function of cultural symbols and forms. It involves a kind of making 'ordinary' of private understanding" (Levy, 1984:227). Nos contextos em que ela se refere à oligarquia os sentimentos *hiperconized* são a indignação por um lado e o egoísmo por outro, enquanto que, quando só fala do povo faz referencia ao amor e à justiça.

No seu discurso Eva não distingue entre o amor a Perón e o amor ao povo. Mais isso não significa, agrega, que o nosso possa ter sido um "matrimonio político": "*Nos casamos porque nos quisimos y nos quisimos porque queríamos la misma cosa*". Como mulher ela vai se colocar num lugar de 'subordinação' total ao homem da sua vida e ao Líder da patria. A existencia de Eva só faz sentido através de Perón. Isso fica claro na caracterização que Eva faz dos desejos de ambos e a maneira de realizá-los:

Perón

Sabia o que queria

Com inteligência

Eva

Pressentia

Com o coração

Preparado para a luta	Disposta a tudo
Culto	Humilde
Enorme	Pequena
Maestro	Aluna
Figura	Sombra
Seguro de si mesmo	Segura dele

Esta forma de apresentação foi interpretada como um dos traços machistas das sociedades latinoamericanas, o lugar de Eva se convertendo assim simplesmente em mais um exemplo -com características próprias- do lugar tradicional da mulher. Esta visão fez com que a maioria das análises da figura de Eva tenham, de alguma forma, reforçado e reproduzido só um dos seus aspectos na tentativa de criticá-lo. As características de Eva que foram enfatizados respondem à imagem da ‘compañera de Perón’, a mãe de todos os argentinos, cujo grande lar seria a Pátria. Dentre as diferentes versões do mito de Eva, Taylor descreve três: a “Dama da esperança”, “O mito negro” e “Eva a revolucionária” (Taylor, 1979). No primeiro caso, Eva seria uma mulher que “had no sons and daughters of her own; she was mother to the children of Argentina. More than that, she was mother of the nation as a whole, particularly to the common people and the poor and needy of Argentina (Taylor, 1979:75). Num outro caso Fraser e Navarro consideram que “together with whom [the poor, the needy, the helpless, the children] she joined in adoration of Perón, their father. Thus, pure, virginal, without sexual desire, she had the ideal mother” (Fraser and Navarro, 140. Citado por Auyero, J.).

No livro, essa imagem de Eva é em parte criada e alimentada por ela mesma. Como mostramos acima, nas dicotomias apresentadas na comparação com Perón, Eva reivindica uma posição de desigualdade. Mas, se acompanharmos o processo de construção da sua

história segundo o argumento emotivo, veremos que essa aparente subordinação é na verdade uma fusão da figura de Eva na figura de Perón e, na figura do povo. E tudo isso mediado pelo sentimento, de indignação diante a desigualdade primero e do amor depois. *"Por eso digo ahora: Sí, soy peronista, **fanáticamente peronista!** pero no sabría decir qué amo más: si a Perón o a su causa; que para mí, todo es una sola cosa, todo es un solo amor; y cuando digo en mis discursos y en mis conversaciones que la causa de Perón es la causa del pueblo, y que Perón es la Patria y es el pueblo, no hago sino dar la prueba de que todo, en mi vida, esta sellado por un solo amor"* (op.cit. 66). Assim aquela fusão faz de Eva ‘naturalmente’ uma dirigente política. Através de uma ‘hypercognização’ do amor, Eva constroi uma relação simbiótica com Perón e o povo que lhe permitiu exercer legitimamente seu papel na política argentina. Quando se refere a essa relação tríplice encontramos as combinações seguintes:

Eva ----- Perón -----Povo	Eva através de Perón ama o povo
Eva -----Povo-----Perón	Eva através do povo ama Perón
Perón ---- Povo----- Eva	Perón através do povo ama Eva
Povo-----Eva-----Perón	Povo através de Eva ama Perón

Nesse jogo afectivo entre os três, está ausente a combinação que mostra o limite das possibilidades de Eva na sua ação política:

Perón-----Eva-----Povo	Perón através de Eva ama o povo
------------------------	---------------------------------

Ela mesma o expressa dizendo *"Todo lo que yo debo hacer entre el pueblo y su Líder exige una condición que he debido cumplir con un cuidado casi infinito; y esa condición es no meterme en las cosas del gobierno."* (op.cit. 96) Num outro momento Eva também diz:

“...mis funciones terminan donde empiezan las del presidente de la república....ni yo misma quiero aparecer alguna vez como un obstáculo entre el pueblo y su líder. ... yo solo conduzco a él” (op.cit. 137) Neste caso fica claro que Perón não precisa, em termos formais, da intermediação de Eva para exercer as funções de governo. Ele pode se dirigir ao povo sem a necessidade da justificativa afetiva que Eva construiu naquela fusão, através do amor, com Perón e o povo.

Num momento da sua história Eva identifica as oposições masculino-femenino na comparação dela com Perón (enorme-pequena, maestro-aluna, figura-sombra). Logo depois essas oposições vão se diluirm -sendo o sentimento o fio condutor- confundindo-se a figura dela com a de Perón. Da mesma forma, no começo do livro, Eva identifica a oposição razão/emoção: “*Tal vez haya dicho mal diciendo ‘la primera razón’; porque la verdad es que siempre he actuado en mi vida más bien impulsada y guiada por mis sentimientos*” (op.cit 15). Mas, a oposição razão/emoção também vai ser questionada com a ressaltação do segundo termo. A emoção é considerada parte da ação política, é destacada como o elemento que faz a diferença entre a boa e a má política. O mesmo Perón é descrito por ela como aquele que ‘ama seu povo’, e é isso que faz de Perón um líder único. Ele possui a sensibilidade que faz com que seja possível ouvir a alma do povo. “*Y allí está el secreto de Perón: En su alma!!*” (op.cit 146) Essa reivindicação da emoção ligada à política (ou inseparável dela) fica claro quando Eva diz sobre a intuição: “*Yo no creo que es un sexto sentido, como dicen algunos, ni una facultad casi misteriosa de las mujeres, como dicen otros. (...) No, es la maravilla del amor iluminando una inteligencia igual que la de todos. Nada tiene de raro, pues, que esa virtud o sentido extraordinario esté presente en los actos*

*de Perón y sea admirada por quienes lo conocen y lo tratan. (...) El ve por su pueblo y para su pueblo.*⁵ (op.cit. 76-7)

O discurso emotivo de Eva rompe a divisão entre o mundo da razão e o mundo da emoção. Seja colocando a última acima da primeira, como no caso dela ou combinando ambas -**amor iluminando una *inteligencia* igual a la de todos-** e tendo como resultado um ‘produto’ único, como no caso de Perón. Desse lugar ela conta sua história e desse lugar ela responde às acusações da oposição. Aquele não é um lugar com um valor ‘negativo’ enquanto irracional, não é também, aquela emoção tipicamente feminina como parecia em suas primeras caracterizaciones. Essa é a emoção do povo, de Perón, da Patria, de Evita.

O discurso de Eva faz um percurso que começa com uma situação de mulher pobre, sensível as injustiças e sozinha, para logo depois conhecer Perón que vai demonstrar-lhe seu amor encarregando-a do cuidado do povo. Partindo no começo de uma oposição entre razão/emoção, ela supera esta dicotomia colocando a emoção num plano privilegiado.

Da mesma maneira que ‘hypercognizando’ o amor Eva ‘desfaz’, reinterpreta, oposições tradicionais, pelo caminho da emoção ela vai determinar os novos princípios políticos de produção de identidades. “*Lo que también puedo asegurar es que ningún ‘hombre común’ puede hacer o pensar nada con intuición; porque **los hombres mediocres pertenecen a la clase de los que desprecian el amor como cosa exagerada***” (op.cit.78).

Novas oposições são criadas à luz da linguagem dos sentimentos:

<u>Amor</u>	<u>Egoismo</u>
Operario	Oligarca
Operario	Homem comun
Peronista	Antiperonista

⁵ É importante citar o que Eva acrescenta ao anteriormente dito: “Lo que también puedo asegurar es que ningún

Patriota	Vendepatria
Pobre	Rico
Dor verdadeira	Dor superficial
Evita	Eva Perón
Ação Social	Beneficença

Eva inova no campo político, não a partir de uma ruptura com o discurso tradicional sobre a mulher. Ela retoma esse discurso mantendo-se dentro da mesma lógica, reivindicando o amor e a sensibilidade, questiona os limites entre emoção e política e converte o sentimento em um princípio de inclusão/exclusão social. Assim mulher (Eva), operário e peronismo adquirem plena legitimidade no novo jogo político. *“Para mi **descamisado es el que se siente pueblo**. Lo importante es eso; que se sienta pueblo y **ame y sufra y goce como pueblo**, aunque no vista como pueblo, que esto es lo accidental. Un oligarca venido a menos podrá ser materialmente descamisado pero no será un descamisado auténtico”*. (op.cit 117)

Eva desenha através do sentimento grupos de pertinencia. Num trabalho recente Neiburg chama a atenção sobre a função dos ‘grandes divisores’, numa reflexão final ele coloca que “...o caminho através do qual procurei compreender alguma coisa do sentido dos grandes divisores sugere que o verbo ‘conceituar’ é empobrecedor, porque as taxonomias binárias implicam também outro tipo de ações: a mobilização de sentimentos e de julgamentos morais. E são esses sentimentos e julgamentos os que justificam as operações de distinção e de diferenciação social que os grandes divisores sancionam -pois como foi visto, eles servem, também, para produzir identidades que se pretendem essenciais e desigualdades que se pretendem absolutas” (Neiburg, 1998).

‘hombre común’ puede hacer o pensar nada con intuición; porque los hombres mediocres pertenecen a la clase de los que desprecian el amor como cosa exagerada” (p.78).

No proximo ponto mostrarei rapidamente como os argumentos da emoção funcionaram não só na criação de princípios de inclusão, mas também na resposta a dois, dos varios interlocutores que é possível identificar no livro.

OS INTERLOCUTORES

Dentre os interlocutores escolhidos por Eva, tratarei o caso das feministas e as “Damas de benêficiência” porque considero que são dois modelos possíveis de mulher atuando mais perto do espaço da política ou pelo menos dentro do espaço publico. Eva não correspondia a nenhum deles e cada um destes estereotipos questionava duplamente a sua situação. O discurso emotivo é performatizado de uma maneira que lhe permite se diferenciar de todos os papeis tradicionais e "justificar" a mudança e as atitudes que estão fora das possibilidades pre-existentes.

As Feministas:

"Las feministas del mundo dirán que empezar así un movimiento femenino es poco femenino... Empezar reconociendo en cierto modo la superioridad de un hombre!"

Diante das feministas Eva ‘teve’ que responder às acusações de seu baixo nível educativo e da sua ‘dependencia de um homem’.

*"Confieso que el día que me vi ante la posibilidad del camino 'feminista' me dio un poco de miedo. Qué podía hacer yo, **humilde mujer** del pueblo, allí donde otras mujeres, más preparadas que yo, habían fracasado rotundamente? (Perón, 1951:265)*

"Que por ser peronista no puedo encabezar el movimiento femenino de mi Patria? Esto sí merece una explicación. -Cómo va usted -me decían- a dirigir un movimiento feminista si usted está fanáticamente enamorada de la causa de un hombre? No reconoce así la superioridad total de ese hombre sobre la mujer? No es eso contradictorio? No, no lo es."

Yo lo 'sentía'. Ahora lo se. La verdad, lo lógico, lo razonable es que el feminismo no se aparte de la naturaleza misma de la mujer. Y lo natural en la mujer es darse, entregarse por amor, que en esa entrega está su gloria, su salvación, su eternidad". (op.cit. 61)

Por outro lado a justificativa de Eva não lhe impedia fazer propostas revolucionarias para a epoca:

"En las puertas del hogar termina la nación entera y comienzan otras leyes y otros derechos... la ley y el derecho del hombre...que muchas veces sólo es amo y a veces también...dictador. (...) la madre de familia está al margen de todas las previsiones. Es el único trabajador del mundo que no conoce salario, ni garantía de respeto, ni límite de jornadas, ni domingo, ni vacaciones, ni descanso alguno, ni indemnización por despido, ni huelgas de ninguna clase..." (op.cit. 275) *"Nadie dirá que no es justo que paguemos un trabajo que, aunque no se vea, requiere cada día el esfuerzo de millones y millones de mujeres cuyo tiempo, cuya vida se gasta en esa monótona pero pesada tarea de limpiar la casa, cuidar la ropa, servir la mesa, criar los hijos..., etc".*

As Damas de Beneficência

... el trabajo que yo hago. No es filantropía ni es caridad, ni es limosna ni es solidaridad social, ni es beneficencia. Ni siquiera es ayuda social, aunque por darle un nombre aproximado yo le he puesto ese ... Para mí es estrictamente justicia.

Em relação às Damas de Beneficência as acusações à Eva eram de “mulher pobre e não pertencente ao nível cultural da oligarquia”. Neste ponto Eva questiona o papel oficial da esposa do presidente e para se diferenciar cria duas categorias. Eva Perón, a esposa do presidente da República Argentina, e Evita, a mulher do condutor dos argentinos.

*"Yo no era solamente la esposa del Presidente de la República, era también la mujer del conductor de los argentinos (...) La otra, la de **Evita**, mujer del Líder de un pueblo que ha depositado en él toda su fe, toda su esperanza y todo su amor"* (op.cit. 88)

*"A mi me obligó la necesidad de los pobres. En esto se diferencia mi obra de la que realizaron las decadentes sociedades de 'damas de beneficencia'. **Ellas construyeron por***

***necesidad propia:** lo que necesitaban era reconciliarse con la propia conciencia cuyo borroso cristianismo les solía recordar, de vez en cuando, que las puertas del cielo son muy estrechas para todos los ricos".*

Eva incorpora em seu livro as respostas às acusações da “oligarquia argentina” e diz:

*“Yo me esfuerzo todos los días por eliminar de mi alma toda actitud sentimental frente a los que me piden.(...) El amor no es ni sentimentalismo romántico, ni pretexto literario.” (op.cit. 98-9) “Tal vez porque mi más profundo sentimiento es el de la **indignación** ante la injusticia, yo he conseguido hacer mi trabajo de ayuda social sin caer en lo sentimental ni dejarme llevar por la sensiblería” (op.cit. 181).*

Procurei mostrar como através da linguagem da emoção é possível, no caso da narrativa do livro *La Razón de mi Vida*, subverter -mesmo que seja parcialmente- uma ordem estabelecida e propor uma outra cujo principio estruturador é o sentimento. Desde esse ponto de vista o lugar de Eva na política argentina não só foi um lugar absolutamente legítimo, mas também ela era a única mulher que poderia ocupa-lo devido a seu amor inesgotável e a sua entrega absoluta. O principio que legitima a ‘boa política’ -a política peronista-, é uma categoria da emoção. Neste sentido *La Razón de mi Vida* é uma narrativa que desafia as oposições básicas utilizadas habitualmente nas análises políticas (público/privado, razão/emoção e indivíduo sociedade) e uma proposta para pensar além delas.

BIBLIOGRAFIA

AUYERO, J. 1997 "Performing Evita. A tale of two Peronist Woman". En: *Journal of Contemporary Ethnography*, Vol. 27, Nro. 4, January 1999, pp.461-493.

LEVY, R. 1984 "Emotion, knowing, and culture". In: *Culture Theory. Essays on mind, self and emotion*. Ed. by R. Shweder and R. LeVine. Cambridge University Press

LUTZ & WHITE 1986 "The Anthropology of Emotions", In: *Annual Review of Anthropology*, Vol. 15, pp. 405-436; 417-436.

NEIBURG, F. 1998 "Para que servem os grandes divisores? Texto apresentado à mesa redonda "Sobre os grandes divisores: 'Etnología das Sociedades Indígenas' e 'Atropologia das Sociedades Complexas". XXI ABA, Vitoria, ES, 5-9 de abril, 1998.

PERÓN, Eva 1951 *La Razón de mi Vida*, Buenos Aires, Ed. Pehuser

TAYLOR, J. 1979 *Evita Perón: The Myths of a Woman*. Oxford, Basil Blackwell, Pavillon Series in Social Anthropology.

Revista El Bonaerense. Año 1, Nro.1, 1996.